



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INTERFACE
TEÓRICO-PRÁTICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA E LINGUÍSTICA**

GERLANE SANTOS DE BARROS

**LER OU ESCREVER?: DIFICULDADES E PERSPECTIVAS
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

GUARABIRA - PB

2014

GERLANE SANTOS DE BARROS

**LER OU ESCREVER?: DIFICULDADES E PERSPECTIVAS
NAS AULAS DE LINGUA PORTUGUESA**

Monografia apresentada em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Especialista em Língua e Linguística, à Universidade Estadual da Paraíba– Campus III, sob a orientação do Prof^ª. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins

GUARABIRA - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B2771 Barros, Geriane Santos de

Ler ou escrever?: dificuldades e perspectivas nas aulas de língua portuguesa [manuscrito] : / Geriane Santos de Barros. - 2014.

42 p. : il.

Digitado.

Monografia (Especialização em Interface Teórico Prática para o Ensino de Língua e Linguística) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Iara Ferreira de Melo Martins, Departamento de LETRAS".

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Língua Portuguesa - Ensino I. Título.
21, ed. CDD 410

GERLANE SANTOS DE BARROS

**LER OU ESCREVER?: DIFICULDADES E PERSPECTIVAS
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Banca Examinadora

Iara Ferreira de Melo Martins

PROF.Dra. IARA FERREIRA DE MELO MARTINS
Orientador

Edilma de Lucena Catanduba

1º examinador
PROF Dra. EDILMA DE LUCENA CATANDUBA

Maria de Fátima de Souza Aquino

2º examinador
PROF. Dra. MARIA DE FÁTIMA DE SOUZA AQUINO

Aprovada em 29 de Abril de 2014

GUARABIARA – PB
2014

Dedico a todos os amigos e colaboradores que estiveram sempre ao meu lado, me apoiando para que fosse possível tornar este desejo uma realidade.

A eles, dedico esta vitória!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS por tudo que tem feito por mim e por minha família, pelas bênção que tenho recebido durante toda minha existência.

[...] Dizer a palavra é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar.

Paulo freire

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de verificar as condições da prática de leitura e produção de textos na escola Municipal Raul de Freitas Molzinho, localizada na cidade de Guarabira. Nesta escola, os alunos do ensino fundamental II, do (6º sexto) ano apresentam dificuldades de leitura e escrita. O estudo toma como norte teórico trabalhos de autores que trabalham especificamente com esta problemática, os estudiosos como DOLZ (2004), MARCUSCHI (2010), TEBEROSKY (1996), GERALDI (1984), FREIRE (1989), ZORZI (1998). Buscamos compreender e definir o processo de leitura e produção textual nas aulas de língua Portuguesa explicitando as propostas que tem sido desenvolvidas na perspectiva considerando processo como algo contínuo na vida do sujeito-aluno-leitor e produtor de texto. Conscientes que ao falar, temos uma infinidade de recursos para transmitir as nossas ideias. Podemos usar gestos com as mãos e com o corpo, expressões faciais e a própria entonação da voz. Entretanto, ao escrevermos um texto, as únicas ferramentas que dispomos são as próprias palavras e os sinais de pontuação. Isto traz uma enorme limitação, que pode se tornar ainda maior se a pessoa não tem o costume de escrever e não usa algumas técnicas. Apesar de haver correlações entre fala e escrita, o ato de escrever é muito diferente do ato de falar. E a grande diferença reside essencialmente no fato de o interlocutor estar presente na hora da fala e ausente no momento em que escrevemos. Assim esse trabalho vem buscar nos educandos como se desenvolve o ato de ler e escrever, que os remetem ao fracasso durante as aulas de produção textual. É preciso que o aluno seja capaz de expressar através da produção escrita, o seu ponto de vista, para que se comunique cada vez melhor.

PALAVRA-CHAVE: leitura - escrita- texto - ensino

ABSTRACT

This study aims to verify the conditions of the practice of reading and text production at the Municipal School of Raul Freitas Molzinhos, located in Guarabira. In this school, the elementary school students II, (6th sixth) year have difficulties reading and writing. The study focuses on theoretical work north of authors who work specifically with this issue, scholars like DOLZ (2004), Marcuschi (2010), Teberoski (1996), GERALDI (1984), Freire (1989), ZORZI (1998). We seek to understand and define the process of reading and textual production in the Portuguese language lessons explaining the proposals that have been developed from the perspective considering the process as a continuum in the life of the subject -student- reader and producer of text. Aware that when speaking we have a multitude of features to convey our ideas. We can use hand gestures and body, facial expressions and voice intonation own. However, when writing a text the only tools we have are the actual words and punctuation marks. This brings a huge limitation, which can become even greater if the person does not have the habit of writing and does not use some techniques. Although there were no correlations between speech and writing the act of writing is very different from the act of speaking. And the big difference lies primarily in the fact that the party be present at the time of speech and absent at the time of writing. Thus this work comes for students how to develop the act of reading and writing referring to the failure during classes of textual production. It is necessary that the student is able to express through writing production their point of view to communicate better.

KEYWORD : reading – writing - text - education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. CAPITULO I	
1. DIFICULDADES DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II: O QUE DIZ A TEORIA.....	10
1.1 A escrita e a leitura: breve histórico.....	15
1.2 Contraposição a prática: discutindo questões do ensino de leitura e escrita na Educação fundamental.....	19
2. CAPITULO II	
2. DIFICULDADES DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II: O QUE DIZ A PRÁTICA.....	22
2.1 A visão dos professores sobre as competências de leitura dos alunos.....	22
2.2 Relatos de professores a cerca dos processos de leitura e escrita.....	24
2.3 A pratica da leitura e o método sugerido em pratica	26
3. CAPITULO III	
3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS: DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA....	28
3.1 Desenvolvimento da pesquisa de campo.....	29
3.2 A escola e o desenvolvimento dos alunos.....	30
3.3 Propostas metodológicas: os gêneros textuais na perspectiva do ensino de língua portuguesa	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

NEXOS

APÊNDICES

INTRODUÇÃO

A proposta visa observar a prática educativa aplicada no 6º ano do ensino fundamental-II, quanto à prática de leitura e produção de textos orais e escritos. A pesquisa pretende verificar se a prática propicia ao aluno desenvolver um olhar crítico às informações que nos chegam a todo tempo para que ele se torne competente e capaz de ler nas entrelinhas dos diferentes gêneros textuais as intenções de quem os comunica e produzir com desenvoltura variados tipos de textos.

A escola, como principal instituição social de letramento, tem a missão de desenvolver nos alunos o hábito de ler, escrever e argumentar e de conduzir os alunos a vivenciarem a leitura como algo inerente às suas vidas, abordando-a como mais um instrumento sócio-cultural inserido no seu dia-a-dia. Espera-se que os alunos possam reproduzir os conhecimentos transmitidos não somente na escola, mas também no decorrer de sua vida, privilegiando o hábito de boas leituras, mantendo um bom discurso para com os ouvintes e apresentando aptidão em redigir, assim como para interpretar os mais variados tipos textuais.

Este trabalho é parte de um estudo realizado em 2013 e se estenderá ao início do ano letivo de 2014, e se dedica a estudar o desempenho na escrita dos educandos do Ensino Fundamental-II do 6º ano que frequentam escola pública. O objetivo central desta comunicação é analisar as dificuldades das crianças em relação ao desempenho na leitura e escrita. Pretende-se descrever e analisar o que torna-se mais difícil para o aluno, ler ou escrever? E quais as condições em que se produzem esses processos.

CAPÍTULO I

1. DIFICULDADES DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA DO FUNDAMENTAL II: O QUE DIZ A TEORIA

Nesse texto, discutimos o processo de leitura e produção de texto na prática conduzida pelo educador sua sala de aula, e o rendimento do educando no ato de ler e escrever. Discutimos também sobre as dificuldades para que isso ocorra do ponto de vista de alguns autores que abordam essa temática. Arelada a essa problemática, abordaremos a importância de incentivar a leitura e a escrita através de diferentes gêneros textuais, a fim de se formar verdadeiros leitores e escritores conscientes de seu meio social.

Mesmo que não consigamos responder a todas as inquietações, somos conscientes de que é preciso um novo olhar, um jeito diferente de caminhar, a fim de conduzirmos o processo de ensino-aprendizagem no que tange à leitura e à escrita de modo significativo.

MARCUSCHI (2010), expõem sobre as manifestações da fala e escrita:

A fala (enquanto manifestações da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. [...]por outro lado, a escrita(enquanto manifestação formal do letramento), em sua faceta institucional, é adquirida em contextos formais: na escola. Daí também seu caráter mais prestigioso como bem cultural desejável. (p.18)

O ler e escrever de forma mecânica não garante a uma pessoa interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade, uma vez que sabemos que para se atingir tal objetivo é preciso ser capaz de não apenas decodificar sons e letras, mas entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos.

(...) A leitura de mundo precede a leitura da palavra, (...) a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas, por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (Freire, 1989: 11 e 20)

O que gera automatismo e não conhecimento é a repetição sem a devida reflexão. E essa construção e significação da leitura e escrita é solucionada se trabalhada essa aprendizagem da leitura e escrita tendo em foco que essas são atividades linguísticas cognitivas e sociais, portanto, levando em consideração todas essas dimensões.

A leitura como um processo natural e a capacidade de predição, confirmação, rejeição do leitor, isso baseando no conhecimento da estrutura linguística, seu estilo cognitivo e suas experiências com a escrita. E expande sua teoria ao propor uma alfabetização através de textos, objetivando com isso, que na escola as crianças possam aproveitar seu conhecimento já adquirido e sua visão de mundo na construção dos significados.

O sujeito passa a refletir sobre sua própria linguagem ao contemplar sua forma escrita. A escrita passa a ser um espaço a mais, muito importante de manifestação da singularidade dos sujeitos. Em pensamento e linguagem, Vigotsky (1998) diz que:

Por trás de palavras, existe uma sintaxe dos sentidos das palavras. Essa sintaxe, gramática, tem origem nas formas sociais e interação verbal, mas é permeada por uma realidade psicológica individual. Enquanto escreve, a criança aprende a escrever e aprende sobre a escrita, e a escrita é vista como um sistema com propriedades que o aluno precisa compreender.

É preciso aprender a escrever, escrevendo. PCN (1997):

Para aprender a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever. Sendo assim, o tratamento que se dá a escrita na escola não pode inibir os alunos ou afastá-los do que se pretende; ao contrario, é preciso aproximá-los, principalmente quando são iniciados “oficialmente” no mundo a escrita através da alfabetização. Afinal esse é o início de um caminho que deverão trilhar para se transformarem em cidadão da cultura escrita. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS-Vol.2- Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997, p.65-77).

Afinal, o que falta a uma pessoa que não sabe ler e escrever? Por que muitos indivíduos não conseguem entender uma simples bula de remédio ou redigir uma simples carta? Para Moacir Gadotti *apud* Vargas (2000: 14):

O ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. [...] Não basta ler a realidade. É preciso escrevê-la. [Grifo da autora].

Os artigos escritos por GERALDI, contidos no livro, "O texto na sala de aula", de 1984, expõem a ideia de um ensino de língua materna a partir de textos completos, visando à análise dos diversos níveis do discurso, além de suas contribuições para as práticas sociais. A

experiência deve ser vista na prática, reafirma-se que não há viabilidade em se trabalhar com modelos pré-definidos quando pensamos em ensino, embora os métodos "receitas" ainda se façam muito presentes.

O que se vê é um ensino de Língua Portuguesa que se atém à revisão das práticas ensinadas até ali, além de uma superficial prática de redação. Essas análises constataam uma lógica, *em que o aluno deve ser capaz de trabalhar estruturas cada vez mais complexas, passando da palavra para a oração, da oração para o período, do período ao texto*. Esse tipo de organização do aprendizado burla o preceito de que as relações da linguagem só são constituídas em macroestruturas e não em frases ou palavras isoladas. De todo modo, novas ideias tendem a surgir a partir de necessidades adquirindo credibilidade através dela. As práticas pedagógicas não são uma exceção, tendo em vista que hoje a desenvoltura em termos de linguagem é muito mais exigida por parte dos indivíduos que em outras épocas. Pode se considerar que hoje, a aquisição da linguagem é fator primordial para a inclusão social, e isso se dá principalmente pela perspectiva de análise e reflexão linguística.

Esses fatores não representam o sinônimo de exclusão do ensino sistemático de gramática, pois é necessário para uma reflexão eficiente que se tenha um sistema de regras em que os indivíduos possam se embasar. O importante é admitir outras possibilidades, para que sirvam de instrumentos para a interação do indivíduo em sociedade.

De acordo com TEBEROSKY (2003):

Ajudando as crianças a “produzir e compreender textos escritos”, conduzimos-nas a depararem com as formas da linguagem e com as apresentações gráficas dos textos. As formas de produção podem ser várias, como exemplo, [...]reconstruções, reescritas de textos. (TEBEROSKY, 2003, p.87)

Em virtude disso a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, quanto à prática de leitura e produção de textos orais e escritos, é a de conduzir os alunos a vivenciarem tais práticas como algo inerente à suas vidas, abordando-as como mais um instrumento sócio-cultural inserido no seu dia a dia.

Segundo tal proposta, os educadores devem proporcionar aos educandos, autonomia linguística, assim como extra linguística, a fim de que seja demonstrada competência ao ler, interpretar e escrever os mais variados tipos textuais, explorando todo seu potencial (gramatical, lexical, semântico etc.). A escolha dos gêneros textuais a serem aplicados deve se pautar em uma pré-seleção feita pelos próprios educadores, pois se esperam destes, conhecimento literário, assim como de outros gêneros, comuns à rotina dos indivíduos.

A indicação, quanto às modalidades de linguagem (oral e escrita) para leitura é aparentemente bem eclética, com o intuito de fazer com que os alunos reconheçam também o que está ao seu redor, como sendo fonte de conhecimento.

Quanto à viabilidade dos alunos reproduzirem seus próprios textos, há que se pautarem alguns pontos, que de modo geral, impedem que esta honre às propostas que deveriam embasar as práticas educativas. Por exemplo: a disponibilidade de material bibliográfico, o comprometimento com a disciplina e igualmente com a formação vital dos alunos, assim como a valorização do conhecimento prévio dos mesmos, reconhecendo-os como seres pensantes e que iniciaram a composição de seu conhecimento antes de ingressar na vida escolar. Um outro fato que merece atenção e que está contido nesta proposta dos PCN é quanto à demonstração da distinção entre língua falada e língua escrita. Embora isto tenha sido proposto nos Parâmetros, são raros os casos em que os educadores expõem tal conceito em sala de aula, seja por desinteresse, comodismo ou puro preconceito linguístico.

O fato é que a maior parte dos alunos sai das escolas sem terem em mente esta distinção. Tal lacuna, dentre outras, pode permanecer para sempre no indivíduo, influenciando seu discurso e sua escrita, o que será refletido no seu comportamento em relação a outros usuários da língua. Quanto à variedade de gêneros, sua viabilidade só será possível a partir da disponibilidade oferecida pela instituição educacional, ou por iniciativa dos educadores. Boa parte das escolas não dispõe de um acervo razoável e quando o possui não o disponibiliza por receio de que se danifique. Isto representa uma atitude no mínimo incoerente, pois impede que tais obras cumpram com sua principal finalidade, a de serem lidas.

Tendo tal realidade em mente, os profissionais devem, como se espera, criar dentro de suas possibilidades, meios para sanar este problema, utilizando-se primeiramente de boa vontade, depois de bom senso ao selecionar os títulos a serem trabalhados, aproveitando-se inclusive de gêneros que façam parte do cotidiano dos alunos, pretendendo levar ao conhecimento de todos, a mais variada bibliografia valorizando os conhecimentos prévios de cada um e assim solucionar com criatividade. É nesse sentido que o professor assume uma postura realmente singular, demonstrando sua responsabilidade social e sua preocupação com a formação das futuras gerações. Os educadores terão a possibilidade de diversificar suas práticas, selecionando aquilo que mais pareça interessante aos alunos, independentemente das escolhas de um grupo ou do que o governo disponibiliza. Isso pode parecer uma ideia um tanto liberalista, mas se momentaneamente é essa a realidade, melhor lidar com ela, que se omitir.

Em se tratando da consideração que se dá aos conhecimentos prévios dos alunos, há que se ter certo desprendimento por parte dos professores, para que consigam valorizar tudo o que o indivíduo, que está subordinado a ele, adquiriu desde a infância. É inútil negar tal realidade, pois estes jovens, até chegar à idade escolar, já ouviram muitas músicas, muitos causos e contos, assistiram a diversos filmes e programas de TV, além de terem lido algumas revistas e textos de literatura infantil. O verdadeiro papel da escola é o de aprimorar e nomear o que já faz parte das noções do aluno. Ao aplicar tal fundamento nas práticas, com textos orais e escritos, o professor pode perceber que esses alunos terão maior facilidade com alguns gêneros que com outros, o que demonstrará quais as dificuldades a serem trabalhadas de forma mais profunda e sistemática, facilitando a aquisição da escrita e da leitura. Desvalorizar o conhecimento do aluno afasta-o, entretanto, aprofundar-se naquilo que ele já conhece, pode aproximá-lo, devido a maior confiança que se adquire ao lidar primeiramente com algo que se conhece.

Educadores, não deveriam enfatizarem, que a produção dos alunos se propõem a obtenção de uma nota, onde serão avaliadas o conceito de variante padrão e erro e deixando o que o aluno quer transmitir. Tais conceitos tornam claro o comportamento dos alunos diante das propostas de redação e leitura. A insegurança, o medo do fracasso, impede quaisquer impulsos realmente criativos.

A escola é base da sociedade, portanto, todos os futuros educadores devem refletir sobre qual será seu engajamento, para que só então possam realmente serem capazes de derrubar velhos conceitos e modificar toda uma sociedade.

Ao escrever um texto, a exemplo de uma carta, ele nos representará numa espécie de diálogo a distância, levar de qualquer forma, a nossa mensagem, a maneira como enxergamos o mundo, os outros e os fatos. Por isso, é sempre bom lembrar, quando escrevemos, que ao colocar ideias no papel temos que nos colocar também no lugar do outro, o nosso leitor:

- Somos claros?
- Temos dificuldades em nos expressar?
- Nossos argumentos são frágeis?

O leitor não deverá ter dificuldades em nos compreender e, caso tenha, a comunicação ficará truncada, com consequências trágicas para nós.

GERALDI (1984) já apontava o texto como a principal unidade de trabalho do professor de português em sala de aula. Alertava também que o texto não deveria servir de

pretexto ou apenas suporte para essas outras práticas de ensino mais consolidadas, mas que deveria penetrar na sala de aula como objeto de práticas de leitura e de produção.

[...] de maneira mais conservadora, distribuindo os descritores pelas quatro habilidades (falar, ouvir, ler e escrever), ou de maneira mais atualizada, trabalhando diversas modalidades de linguagem (linguagem e artes) ou diferentes línguas em relação, o conjunto dos referenciais faz menção ao texto como unidade de ensino, aconselha que o material textual seja o mais diversificado possível e aponta para classificações de textos. (p.77).

1.1 A escrita e a leitura: um breve histórico

A escrita nasceu das necessidades vivenciadas por comunidades, os sistemas de escrita buscavam a praticidade. Quem os inventava se detinham em fornecer as chaves para a sua decodificação. Portanto, aprender a decifrá-los, de certa forma, era uma tarefa banal.

A escrita, apesar de se constituir numa atividade corriqueira, nas sociedades que dela se precisavam, e também uma maneira de ampliar a comunicação entre os homens, marca o início da Idade Antiga e, também, o nascimento da História. Desde que foi inventada, ela nunca seguiu um padrão único. Comunidades que a inventavam, adotavam sistemas gráficos diferentes, seguindo lógicas próprias de decodificação. E quando deixavam de utilizarem esses códigos grafados, perdia-se a sua lógica de interpretação, dificultando a leitura posterior e, em muitos casos, tornando essa escrita em um sistema sem decifração.

Sabendo que para decifrar a escrita é necessário compreendê-la. Estamos certos de que nem sempre foi fácil exercitar tal habilidade, uma vez que a escrita não é feita somente de dados técnicos. “Sua criação se mistura à criação de um código visual arbitrário que se combina com outros, numa lógica atrelada à lógica cultural de uma determinada sociedade, em um determinado tempo”. A ideia interna da escrita, de combinação de signos de natureza arbitrários, mediada pela cultura, dá sentido semântico a cada frase composta. Assim, ler é bem mais do que dominar aspectos técnicos de construção de palavras ou frases, pede a contextualização dos códigos, para uma mais precisa tradução.

Começava-se a ler um som para cada sinal gráfico, que articulado, permitia a geração de um sistema escrito que, por cada som silábico, poder-se-ia escrever palavras. Isso permitia a escrita de uma declaração oral, salto fundamental para a realização da escrita plena.

Mesmo sem uma significação, a letra foi responsável pela a estrutura da escrita fonética, considerado, até hoje, o mais perfeito de todos os sistemas de escrita. A partir das letras, pode-se criar sílabas. E estas, quando combinadas, formam palavras, que a depender de

novas combinações silábicas pode-se formar outras palavras. E as palavras, quando associadas, dizem ou desdizem conceitos, ideias, pensamentos, informações, numa agilidade insuspeitada.

Conscientes de que antes mesmo de frequentar o ambiente escolar, a criança já faz uso da língua com total desembaraço. O processo de aquisição da linguagem tem sido motivo de inquietações, por parte dos estudiosos dessa temática. O que tem chamado a atenção dos linguistas é o processo de aquisição da linguagem escrita e conseqüentemente da leitura e os mecanismos que perpassam o campo da construção do sentido.

O ensino tem se constituído com um verdadeiro desafio, tendo em vista que não podemos mais aceitar que alfabetizar é desenvolver no educando a capacidade de reconhecer letras e copiá-las. Vai muito além disso, as perspectivas estão cada vez mais amplas levando em consideração todas as situações discursivas em que o indivíduo está inserido. Dessa forma, não se pode reduzir a escrita a códigos para transcrever a fala.

A escrita, não é simplesmente conjunto de habilidades individuais, mas uma junção de praticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os educandos envolvem-se em seu contexto social. A escrita constitui-se como uma representação simbólica da linguagem falada, porém não consegue ser totalmente fiel a ela, pois as possibilidades do uso da linguagem falada são inúmeras, e a escrita tenta apenas aproximar-se desse universo.

Desse modo, o letramento surge como um exercício efetivo e competente da escrita e implica habilidades, como a de ler e escrever para obter informação, para interagir, ampliar conhecimentos, interpretar e produzir diferentes tipos de texto, de inserir-se completamente no mundo da escrita. Segundo SOARES (1998), *essa forma de letramento corrobora para a autoestima, para a construção de identidades fortes, para a estruturação de agentes sociais em suas culturas.*

No entanto, o foco do interesse deslocou-se para a concepção a escrita pela criança e como se dá a interação da criança com o objeto escrita, com destaque para o contexto de produção que é constituído pelas representações sobre o local e o momento da escrita, em seu papel social, e para a instituição social onde se dá a interação e sobre os objetivos ou efeitos que o produtor quer atingir em relação ao destinatário. E tudo isso deve ser explicitado para a criança desde os primeiros contatos com a escrita.

FERREIRO (2001), aponta algumas posturas que são de suma importância para que as práticas pedagógicas consigam atingir resultados satisfatórios, que permitam as crianças serem alfabetizadas.

É necessário mudar a própria concepção do objeto, para que se entenda por que a alfabetização implica em um trabalho conceitual, que em certo sentido é similar ao caso da matemática. A criança pode recitar o abecedário, tanto como recitar a série dos números. Contudo, isso não basta para chegar a noção de número, nem basta para entender o que está escrito e qual a sua relação com a língua oral. A modificação do objeto conceitual é imprescindível. (FERREIRO, 2001, p.22)

Durante a realização da escrita, acredita-se que a criança se apropria dos conteúdos, transformando-os em conhecimento próprio.

As crianças que não sabem escrever de forma convencional, ao receberem um convite para fazê-lo, estão diante de uma verdadeira situação-problema na qual se pode observar o desenvolvimento do seu processo de aprendizagem. Tal prática deve favorecer a construção de escrita de acordo com as ideias construídas pelas crianças e promover a busca de informações específicas de que necessitam, tanto nos textos disponíveis como a informantes (outras crianças ou ao professor). O fato de as escritas não-convencionais serem aceitas não significa ausência de interação pedagógica. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL – 1998: p.145-149)

Na escola, a criança deve ser estimulada a fazer experiências, a procurar respostas para suas necessidades e inquietações, sendo ajudada por seus colegas e pelo trabalho dos professores. Devemos colaborar o máximo para que o aluno tenha êxito. Envolvendo os alunos em atividades coletivas, onde, pelo bom senso, a aprendizagem seria o resultado de uma relação dialética entre ação e pensamento.

Diante dos problemas que perpassam a nossa sociedade, é essencial que todas as vertentes educacionais estejam engajadas para trabalhar de forma que venham proporcionar ao educando uma formação que atinja níveis de autonomia, emancipação, liberdade, responsabilidade, reflexão e crítica. Porém, para que esta perspectiva se cumpra, faz-se necessário, repensar e refletir sobre as novas competências para ensinar, novos entendimentos sobre ensinar e aprender, aprender a aprender e como apreender as novas formas de relação entre a ética e o agir pedagógico.

O ato da aprendizagem não deve resumir-se apenas a teoria de livros didáticos, tão pouco ficar atrelados a conhecimentos que não poderão ser aplicados no dia a dia. A nova temática educacional tende a desenvolver a educação de forma que o professor possa refletir a sua realidade, o contexto do aluno e o da escola.

As práticas em sala de aula, não têm levado em consideração os conhecimentos prévios dos alunos e, dessa forma, acaba por descontextualizar o ensino, e, por conseguinte,

não o torna significativo, reforçando os conflitos no que tange as variações linguísticas, gerando assim uma dinâmica que disseminará o preconceito.

GERALDI (1997) salienta sobre a relevância da leitura e produção textual, apontando para “o que dizer”, “para quê” e “para quem dizer”, como base para que se estabeleça uma comunicação eficaz entre texto – leitor. Mediante uma ação reflexiva é possível transformar o ensino de língua e, conseqüentemente, os indivíduos falantes desta língua.

O autor propõe uma reflexão para os docentes, acerca de suas práticas pedagógicas e sobre o seu papel na construção do conhecimento do aluno, pontuando que os docentes devam lançar um olhar mais apurado para a produção textual de seus alunos assim como todo o contexto que enlaça essa produção. Apontando para os entraves que permeiam o ensino da língua portuguesa, ele faz uma abordagem sobre as práticas de produção de gêneros textuais, de modo que estas estejam intimamente ligadas com a disposição do sujeito em relação ao seu modo de expressão, bem como suas práticas escritas. E pontua este aspecto como algo que deve ser refletido.

Argumenta BAKHTIN (1996), que só há compreensão da língua dentro de sua qualidade contextual. Só no contexto real de enunciação, torna-se possível a concretização da palavra. O sentido é determinado pelo contexto, havendo tantas significações possíveis quantos forem os contextos possíveis.

“O essencial na tarefa de decodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular” (BAKHTIN, 1996, p.85).

A abordagem da leitura e escrita é um tema que merece reflexão, visto que, até então, a maioria das aulas se pautavam em materiais didáticos que centralizavam o ensino de língua nas regras da norma culta.

O ensino de Língua Portuguesa concentrou-se, durante anos, nas regras gramaticais a serem seguidas para organização lógica do pensamento e da linguagem. TRAVAGLIA (2002) ressalta que, nesse contexto, as regras constituíam as normas gramaticais do falar e escrever bem, essas regras resultam no ensino de gramática normativa ou tradicional.

Numa perspectiva inovadora, o ensino de Língua Portuguesa deve focalizar o discurso e suas práticas de oralidade, escrita, leitura e análise linguística, as relações dialógicas, os gêneros textuais, enfim, faz-se relevante uma abordagem que leve o aluno a ampliar seus horizontes discursivos, aprimorando-os.

Desse modo, não há razão para planejar as aulas pautando-se numa visão puramente gramatical e centrada apenas em regras e pequenos exemplos, que raramente proporciona uma experiência ao aluno com o texto, com o contexto de produção, com a finalidade do texto, com os mecanismos de linguagem utilizados para se chegar à determinada intenção.

Segundo GERALDI (1997) a produção textual é a base para todo o processo de ensino aprendizagem da língua, haja vista a língua ser observada como objeto de estudo o que implica em uma relação intersubjetiva construída no processo de enunciação. Nessa perspectiva “produção de textos e redação” se distinguem, já que para produzir um texto é necessário que: “se tenha o que dizer”; “se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer”; “se tenha para quem dizer o que se tem a dizer”; “que o locutor se constitua como tal enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz”; “se escolham estratégias para a realização de todas as afirmações anteriores”. Os textos produzidos na escola mostram que existe muita escrita e pouco texto.

As produções da leitura e de textos atreladas ao livro didático não correspondem a um interesse imediato por parte dos alunos, visto que os textos tornam-se apenas obrigações. Para se contornar esse problema, foi preciso criar motivações para se integrar à leitura ao processo de produção.

O que se preconiza é buscar perspectivas de um ensino que não seja reconhecimento, mas conhecimento, que não seja de reprodução, mas de produção escolhendo, portanto estratégias para a produção, que resultam em estratégias interlocutivas.

1.2 Contraposição à prática: Discutindo questões de organização do ensino da leitura e da escrita na educação fundamental

As crianças não são beneficiadas quando lhes é imposta uma sequência progressiva de ensino, por exemplo, desde a correspondência letra-som até o texto, já que isso não coincide com a sequência da aprendizagem. Tampouco é convincente fazer com elas atividades de análise ou de segmentação e de correspondência letra-som, sem um trabalho prévio sobre a natureza dos signos. Em vez de prescrever, preferimos descrever o que se poderia fazer, ou seja, um modelo de atuação.

Segundo TEBEROSKY (2003) “a criança pode avançar muito no mundo do texto escrito se receber ajuda dos outros (pais, professores,). E que nós, os adultos, podemos fazer

muito para que a criança aprenda.” Contemplamos essa mensagem sugerindo que o mundo do texto está nos livros, nos cartazes, nas revistas, nos jornais e nas leituras em voz alta feitas pelos adultos. De acordo com a autora, (2003, p. 06-07): *Os três elementos do diálogo educativo, as crianças, os adultos e os materiais, constituem um triângulo no qual cada parte contribui para constituir a trama dessa história.*

A partir desse embasamento teórico, partimos do pressuposto de refletirmos sobre a importância de interagir com portadores e suporte de texto e sobre os efeitos da participação em práticas de leituras.

A Aprendizagem devido a participação em práticas leitura: a leitura compartilhada é uma dos exemplos de leitura mais estudadas. Através da leitura compartilhada se proporciona um bom contexto para aprender a linguagem e que, por sua vez, proporciona o desenvolvimento de habilidades linguísticas e cognitivas. *Tal leitura facilita a aprendizagem de vocabulário, bem como o uso da linguagem expressiva, a compreensão da função da escrita e o conhecimento da linguagem das histórias de ficção.*

Assim, se chega também a resultados convencionais, mas mediante o desenvolvimento das competências iniciais que conduziram a esses conhecimentos. Transmissão direta não é a única que dará lugar a aprendizagem, porque a criança também adquire aprendizagem a partir do que constrói. Não devemos esquecer que, em função da natureza da escrita como objeto cultural, o conhecimento da escrita começa em situações da vida real, em atividades e em ambientes também reais. Portanto, aprender sobre as funções da escrita é parte integrante do processo de aprendizagem da leitura e da escrita bem como o é aprender sobre suas formas.

As crianças que já começaram o processo de compreensão da escrita precisam entender para aprender a ler e a escrever: entender como funciona o sistema alfabético, entender a relação entre linguagem oral e linguagem escrita, entender quais são as unidades específicas do texto escrito.

Proporcionando às crianças a oportunidade de entrar em contato com materiais escritos. Mas não só por esse motivo: também porque isto disponibiliza oportunidades de comprovar hipóteses, de uma tarefa, compartilhando ideias através de comentários e de discussão.

Se olharmos o processo de leitura e escrita sob o ponto de vista do professor, este é responsável por oferecer à criança as oportunidades de interagir com o escrito, de consultar programas, de fazer listas, de decidir o que fazer examinando o que está escrito.

O professor tem, além disso, a responsabilidade de organizar atividades nas quais se desdobre um jogo de participação ativo, rico em relações sociais: atividades de leitura e de

escrita compartilhadas, situações de discussão e argumentação... Elementos essenciais para a co-construção do conhecimento.

A oportunidade de interagirem com leitores através das escritas, das crianças estarem expostas a diversas formas e gêneros da linguagem oral e escrita, de aprenderem a participar escutando e produzindo em diferentes atos de linguagem é sempre muito importante.

CAPÍTULO II

2. DIFICULDADES DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO NO 6º ANODO ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE DIZ A PRÁTICA

Apresente pesquisa foi realizada em escola publica municipal da cidade de Guarabira. O universo da presente pesquisa constitui-se de 25alunos. São alunos do Ensino Fundamental II, na faixa etária de 11-13 anos. Buscou-se identificar as dificuldades de leitura e produção textual nos alunos e porque isso ocorre deforma intensa em sala e aula. Os educadores responderam a questionários sobre hábitos de leitura, onde liam ou escreviam, porque liam e qual relação deles com a leitura. Esses alunos responderam a questionário e também foi observado a leitura, interpretação e compreensão de texto,além da produção dos mesmos na prática escolar.E a professora respondeu dez questões sobre a sua prática realizada em sala de aula à respeito da aplicação relacionada a leitura e produção de texto.

Assim foi possível coletar dados que puderam evidenciar o espaço que a leitura ocupa na escola, sua função, a influencia de professor, dos meios, a competência leitora de cada aluno e produção dos mesmos, tendo em vista a concretização de uma prática que forme um leitor crítico e sujeito produtor da sua aprendizagem, um leitor produtor que promova a sua cidadania e não mais seja excluído de uma sociedade formadora de classes privilegiadas.

2.1 A visão dos professores sobre as competências de leituras dos alunos

Das entrevistas com os professores e da análise que foi feita em relação aos textos dos alunos pode-se observar os seguintes aspectos:

- As estratégias de leituras mais utilizadas pelos professores ainda são as tradicionais leituras: leitura silenciosa, leitura individual e leitura fragmentada. Após as leituras há uma breve discussão e os alunos passam a realizar a interpretação do texto lido,
- Os professores procuram trazer para a sala de aula leituras cotidianas, notícias dos jornais, revistas, além de textos didáticos extraídos de manuais pedagógicos.Estes

últimos acabam sendo mais utilizados. Já foram analisados previamente, já possuem questões de interpretação, portanto facilitam o trabalho do professor.

- Os textos geralmente abordam temáticas diversas - políticas, relacionamentos humano, sentimentos, atividades esportivas, profissionais, educação e outros aspectos da vida. Os professores estão sempre em busca de textos que deixem lição de vida, e que desta forma possam ajudar ao educando a produzir suas interpretações e forma escrita. As leituras destes textos objetivam avaliar a capacidade do aluno em relação à estruturação e contextualização dos mesmos.

Quando do planejamento do curso, os aspectos gramaticais e textuais são previamente estabelecidos, os textos na sala são escolhidos e duas vezes por semana acontece a leitura destes textos em sala de aula. Alguns alunos ainda apresentam deficiências de leitura.

Gaguejam, aceleram o ritmo e acabam suprimindo palavras, trocam letras, não realizam as pausas, ou seja não obedecem as normas de pontuação. Quanto à interpretação de textos, há uma maior dificuldade. Um número razoável de alunos apresenta dificuldades de interpretação e produção de textos. Tem dificuldades de distinguir ideias principais de secundárias, não conseguem delimitar o tema do texto, fazem poucas inferências sobre o contexto da leitura.

A presença de objetos escritos na sala de aula e a atitude do professor que facilita e orienta sua exploração, favorece as atividades de escrever e ler, mesmo antes de as crianças poderem fazê-lo de forma convencional. (TEBEROSKY, p.86-87)

Visto que as crianças não tem muita experiência em escrever, a incitação a escrever e a ler suas próprias produções, quando ainda não sabem fazê-lo, transforma-se em uma verdadeira situação-problema, na qual se pode observar o processo de aprendizagem em seu desenvolvimento.

O acesso à linguagem escrita é, prioritariamente, um acesso aos textos. Ajudando as crianças a produzir a compreender textos escritos, conduzimos-nas a se depararem com as formas da linguagem e com as apresentações gráficas dos textos. As formas de produção podem ser várias, como reconstruções, reescrita de textos memorizados, entre outros.

Esta dimensão está relacionada a participação frequente da criança em atividades a exemplo da leitura compartilhada para aprenderem as expressões próprias da linguagem dos livros. É importante que a escola estabeleça uma relação entre o mundo da escrita e o mundo dos livros.

É necessário que a criança participe de situações onde a escrita adquira significação, e da interação com diferentes materiais gráficos, para apropriar-se da linguagem escrita.

Em suma, a leitura em voz alta permite associar os signos gráficos com a linguagem e a linguagem com os tipos de textos, ou seja, os gêneros e os suportes materiais sobre os quais eles se apresentam. No entanto, ouvir a leitura em voz alta é ouvir a linguagem, e isso ajuda a criança a desenvolver sua competência linguística.

2.2 Relatos de professores acerca dos processos de leitura e escrita.

Durante a realização dessa pesquisa, houve a necessidade de compreender os motivos que levam a tantos problemas no ensino de Língua Portuguesa, principalmente no que tange à leitura-escrita. Portanto, fui buscar essas explicações na base do sistema de ensino, que é o Ensino Fundamental I, que vai desde o 1º ao 5º ano, pois é nessa fase que os educandos começam a entrar em contato com leitura e construção de textos.

Analisando a fala de diversos educadores, durante as entrevistas, percebi que algumas colocações se interligavam, pois todos os professores apontavam basicamente a mesma questão.

[...] Nós usamos habitualmente nas aulas o incentivo a leitura por parte do aluno, nessas aulas eles também pesquisam com o dicionário as palavras que não sabem o significado e trabalhamos o ensino de gramática. [...] (Prof. LP)

Percebe-se, nas informações coletadas durante a entrevista, que o professor pouco se preocupa com os sentidos que o texto pode trazer para a sala de aula, a grande relevância é para o significado das palavras e o estudo gramatical.

Segundo Kleiman (1989, p.13-27), os níveis de conhecimento que são abarcados durante a leitura são:

a) O conhecimento linguístico é aquele conhecimento implícito, não verbalizado, nem verbalizável na grande maioria das vezes, que faz com que falemos português como falantes nativos.

b) O conhecimento textual entendido como um conjunto de noções e conceitos sobre o texto (por exemplo: discursos narrativos, descritivos, argumentativos).

c) O conhecimento de mundo ou conhecimento enciclopédico consiste na configuração de conceitos e relações subjacentes ao texto, organizados sob a forma de esquemas, entretanto essa “construção” estará associada à visão pessoal e às crenças do leitor.

Sendo assim, quanto mais o aluno for exposto a todo o tipo de texto, oportunizaremos um confronto de ideias e conceitos, privilegiando a sua compreensão. As diferentes estruturas textuais e tipos de discurso serão extremamente relevantes para o desenvolvimento da autonomia, reflexão e criticidade desenvolvidas nos leitores. Porém, o uso da leitura como pretexto para o ensino gramatical tende a restringir as possibilidades de construção e compreensão dos sentidos do texto lido e/ou produzido pelo educando.

[...] na escola possuímos o espaço de leitura e o aluno pega o livros e leva para a casa, percebemos que muitos gostam de ler e o fazem com frequência. Durante as aulas, observamos que os alunos/leitores conseguem compreender melhor os enunciados de questões das atividades propostas [...] (Prof. prod. textual)

A escola precisa fomentar momentos de leitura, estimulando o aluno a desenvolver esse hábito. Percebi, durante a visita a escola, que o número de livros paradidáticos é pequeno em relação ao número de alunos, e alguns exemplares não fazem relação com contexto do educando, portanto, são deixados de lado, tidos como pouco interessantes. Em suma, conclui-se que as atividades de leitura e escrita não são práticas que fazem parte da rotina das escolas, muito embora os educadores das diversas áreas compartilham da mesma opinião, apontam a importância do desenvolvimento da leitura e escrita, bem como a compreensão dos sentidos interligados a essa prática para a ampliação do conhecimento e da capacidade da leitura de mundo.

“No funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e de produção de sentidos” (ORLANDI, 2000, p.21).

Segundo a autora o que se preconiza durante o ensino nas escolas é a utilização de práticas discursivas que podem ser desenvolvidas espaço escolar, pois esse é um espaço de pluralidade e um lugar de identificação e de transformação e, sendo assim, a utilização de vários gêneros e tipos de textos são imprescindíveis para a motivação do educando.

Entendendo que há diferentes tipos de leitores, compreendemos que também há diferentes compreensões e interpretações. Portanto, considerar a sociedade em que estamos inseridos é extremamente relevante para a construção desses sentidos.

Vivemos em um momento no qual a preocupação com os sentidos atribuídos ao que se lê e/ou escreve tem aumentado consideravelmente, tendo em vista as dificuldades apresentadas pelos alunos.

Buscou-se compreender através de leituras de diversas obras que versam sobre o tema e discussões com os professores, as reais causas para a distorção de um processo que deveria seguir uma linearidade natural.

Remetendo essas considerações ao principal compromisso da escola: tornar o aluno competente tanto na compreensão leitora como na produção de textos escritos em todos os níveis de ensino, observa-se que são necessárias mais pesquisas sobre a interdependência entre a leitura e a escrita para se conduzir mais eficazmente no ensino o desenvolvimento dessas habilidades. Pois os professores precisam de formação para trabalhar com essa questão.

Nessa perspectiva, entendemos que o processo de ensino-aprendizagem da leitura/escrita deve ser repensado, traçando estratégias para que o uso das leituras em salas de aula não seja apenas atrelado a pretextos para o ensino gramatical, tendo em vista que as possibilidades da utilização da leitura são muito mais amplas e subjetivas.

Por fim, a leitura não pode estar voltada exclusivamente para o momento específico inserido nas aulas de Língua Portuguesa, em que se tem como objetivo o domínio do código e a quantidade de leituras que são praticadas nas escolas. Uma questão fundamental para o ensino nas séries iniciais é tratar do processo de interação leitura e construção do sentido como imprescindíveis para o desenvolvimento do aluno em todas as disciplinas e também na vida.

O ensino da leitura nas séries iniciais deverá ultrapassar os limites da competência gramatical dos falantes expandindo as perspectivas. O ensino da leitura deverá incluir fenômenos ligados ao uso concreto da língua em textos falados e/ou escritos e ainda, caberá ao professor, explorar os usos que transcendem os livros didáticos, abarcando a oralidade e os sentidos figurados da linguagem não só no campo literário, mas no uso efetivo da língua.

2.3 A prática da leitura e o método sugerido em prática

Buscando articular a leitura relacionada às inferências que levantamos com relação à prática de leitura na escola, sugerimos a prática em sala de aula para a coleta do material da turma atividades com textos diferenciados.

Os objetivos listados para as atividades foram:

Levar o aluno a conhecer textos de gêneros diferentes;

Buscar o diálogo do aluno com textos;

Fazer o aluno buscar, dentro de seu próprio contexto, outros textos semelhantes aos que foram lidos.

Apresentação dos textos através da leitura em dois níveis: Busca de informações; Relação da temática com o cotidiano.

Os textos sugeridos possuem a mesma temática. Enquanto o primeiro narra um fato, o segundo apresenta argumentos que intensificam a não prática do vício de fumar.

Muitas serão as discussões levantadas pelos alunos diante das leituras. Essas leituras podem dá margens a um texto próprio, produzidos por eles, seja narrativo, seja de imagens, em que eles exponham suas interpretações a respeito da leitura que fizeram, ainda, podem pesquisar e trazer para a aula outros textos com a mesma temática e apresentá-los em sala de aula para os colegas. O professor pode orientá-los no sentido de montarem uma mesa conscientizadora na escola para tratarem dos perigos que o cigarro provoca para a saúde. Visto a como forma de ação e interação dentro do cotidiano escolar, a leitura estabelece relações que se propagam para além da temática mais objetiva de texto, proporcionando inúmeras outras possibilidades de novas leituras e produções realizadas pelos alunos sobre o assunto.

CAPÍTULO III

3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS: DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA

Inicialmente a coleta dos subsídios para a pesquisa, ocorreu através da observação *da* prática utilizada em sala de aula pela educadora. A qual procedeu por incentivo a prática de leitura e escrita do educando durante o processo.

As estratégias metodológicas e avaliativas aplicadas são diferentes e, em virtude disso, dificultam a aprendizagem no que diz respeito à leitura e à escrita.

A proposta almejada é levar o aluno a ampliar seus recursos expressivos, em suas modalidades oral e escrita, criar condições para que o aluno desenvolva competência comunicativa, e estimular sua capacidade de utilizar a língua de modo variado e adequado ao contexto, às diferentes situações sociais, mediante, a relação existente entre ler e escrever, presentes no processo da leitura e escrita. Mostrar o valor e a importância da leitura no momento de escrever um texto, utiliza da linguagem, com um bom vocabulário, adquirido através da leitura diversificada de gêneros e suportes para que consigam expor melhor suas ideias durante a produção textual e de seu potencial comunicativo no momento de desenvolverem um texto de forma eficiente.

Os objetivos metodológicos:

- Propiciar a capacidade de escrever, desenvolver a percepção dos elementos que visam levá-los a gerarem bons textos.
- Ler e discutir textos (*verbal / não-verbal*) oralmente, confrontando-os através da produção escrita;
- Escrever adequadamente, utilizando das normas, ortografia e vocabulários adquiridos através da leitura, para que haja compreensão da mensagem por parte do leitor;
- Alçar maior confiabilidade em suas aptidões, relativas à sua jornada intelectual e cidadã;

- Saber lidar com as ricas e influentes fontes de informações, reconhecendo como estas são sólidas no repertório do conhecimento.

3.1 Desenvolvimento da Pesquisa de Campo

Durante a análise de bibliografias que tratam do assunto abordado, sentimos a necessidade de buscar informações com professores de Língua Portuguesa, pois estão diretamente ligados a essa temática. Portanto, ao ir a campo tive a intenção de desenvolver uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório.

A pesquisa exploratória compreende a etapa de investigação, e de delimitação do problema, definição do objeto e dos objetivos, de construção do marco teórico conceitual, dos instrumentos de coleta de dados e da exploração do campo.

A pesquisa exploratória dá subsídio para todos os percursos que deverão ser percorridos e desenvolvidos ao longo do trabalho. Percebe-se a importância do desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa, pelo fato de proporcionar uma visão ampla sobre a problemática em questão.

Tendo em vista as especificidades de cada escola, o desenvolvimento e construção de sentidos e significados não podem ser quantificados, porém podemos perceber problemas e estratégias de superações a partir de informações de professores que atuam nessa área.

O campo escolhido para o desencadeamento da pesquisa foi a Escola Municipal Raul de Freitas Molzinho. A escola oferece o ensino fundamental II, tendo aproximadamente 400 alunos devidamente matriculados em seus três turnos de funcionamento. O estudo foi realizado com professores da referida escola.

A pesquisa social trabalha com gente, atores sociais em relação, com grupos específicos. Esses sujeitos de investigação, primeiramente, são construídos teoricamente enquanto componentes do objeto de estudo.

Para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista semi-estruturada, por entender que este método é o mais adequado para a obtenção de bons resultados e fidelidade nos questionamentos. Esta é uma forma de interação social bastante eficaz, através da qual o entrevistado expõe suas experiências, levando em consideração a temática abordada pelo entrevistador, ficando à vontade para relatar as suas opiniões, de forma livre e espontânea, privilegiando a fala dos indivíduos, para, a partir desse contexto, obter as informações necessárias para o corpo da pesquisa.

A entrevista oportuniza a livre expressão do pensamento, de forma que os entrevistados possam ficar bastante à vontade e confortáveis para responderem aos questionamentos. Durante o trabalho de campo, a interação do pesquisador com os sujeitos da investigação é essencial. Nessa fase, estabelecem-se relações de intersubjetividade, das quais resulta o confronto da realidade concreta com os pressupostos teóricos da pesquisa.

Portanto, nesta pesquisa, tivemos a tarefa de identificar a realidade como tal, de forma que o material produzido após a pesquisa corresponde eficazmente ao contexto empírico do trabalho em sala de aula, que tem por objetivo o desenvolvimento da leitura/escrita dos educandos e por consequência a compreensão do que se lê e escreve, demonstrando concepções que se apresentam fundamentadas nas novas tendências educacionais e que tem sido debatidas amplamente nos espaços sociais educacionais.

Assim, fez-se necessário que as informações coletadas fossem devidamente analisadas a fim de conhecer todo o contexto. Após essa apreciação, as entrevistas foram divididas por unidades de análise por meio da codificação, estruturadas por uma classificação e categorização de elementos construtivos.

Apresentaremos os resultados da pesquisa de campo, após uma análise minuciosa de todas as unidades de informação coletadas durante as entrevistas.

3.2 A escola e o desempenho dos alunos

A escola selecionada para a realização da pesquisa fica em um bairro típico de classe média na cidade de Guarabira. Não é um bairro homogêneo, pois as famílias – embora de classe média – variam em condições econômicas. A escola também recebe alunos de varias localidades, vindos do espaço rural do município.

De acordo com as observações realizadas no campo empírico e as informações expostas nos planejamentos das aulas verificou-se que condições estão presentes na escola para analisar seu desempenho a respeito da leitura e escrita. Os alunos têm contato com diferentes tipos de textos, principalmente escritos. Eles fazem atividades de interpretação e compreensão de diversos tipos de texto, redigem textos, fazem exercícios em que o conteúdo da gramática é trabalhado, têm contato semanal com os materiais da biblioteca da escola.

Na escola estudada verificou-se que a avaliação é formativa, a reprovação tornou-se rara, mas pode ocorrer quando as ações desenvolvidas não geram resultados positivos. Existe a preocupação constante com o aluno que vivencia situações que expressam algum fracasso,

de maneira que os profissionais da escola agem durante os bimestres na tentativa de superar tais dificuldades.

Em Língua Portuguesa, os alunos são avaliados, essencialmente, pela produção escrita abrangendo o conteúdo e, principalmente, a forma escrita de textos redigidos a partir da leitura de livros e textos da discussão sobre determinados conteúdos e interpretação de textos. Também são avaliados pela interpretação oral de textos trabalhados em sala de aula.

As habilidades de escrita e de leitura são essenciais à aprendizagem dos conteúdos trabalhados não apenas em Língua Portuguesa, mas também noutras disciplinas escolares e, portanto, são de compreensão indispensável para o bom desempenho dos alunos. Então, é plausível afirmar que as crianças que não apresentam bom desempenho nos trabalhos desenvolvidos na disciplina Língua Portuguesa têm grande probabilidade de ter o desempenho comprometido durante a aprendizagem dos conteúdos trabalhados nas outras disciplinas escolares em que a leitura, a compreensão de textos e a escrita do aluno são avaliadas.

Os principais problemas encontrados nas produções dos alunos selecionados pelo baixo desempenho apresentado são referentes à omissão de letras e sílabas, troca de consoante surda por sonora, troca de letras decorrente da possibilidade de representação múltipla, acentuação, troca de letras maiúsculas por minúsculas, generalização das regras, aos erros de concordância, à aglutinação e separação de palavras, e referentes à justaposição de enunciados sem marca de conexão explícita e falta de pontuação.

A maioria dos alunos da turma de 6ª série observada – sendo essa composta por vinte e cinco alunos, vivenciou processo de escolarização nas séries iniciais do ensino fundamental que propiciou às professoras considerá-los em estágios de compreensão da linguagem escrita e de outros conteúdos trabalhados nos componentes curriculares adequados à série frequentada. Entretanto, as crianças selecionadas - duas da turma de 6ª série observada - não vivenciaram processos de aprendizagem com os mesmos aspectos.

Apesar de todas as ações docentes e familiares a fim de que apresentassem um bom desempenho escolar no que tange à escrita, continuaram revelando problemas pautados em questões relacionadas à construção de textos coesos e coerentes com presença de erros ortográficos, principalmente do tipo considerado como de representação múltipla.

3.3 Propostas metodológicas: Os gêneros textuais na perspectiva do ensino de língua portuguesa

Nesta pesquisa, busca-se uma reflexão sobre as perspectivas ao ensino/aprendizagem da língua portuguesa, destacando-se, sob a ótica dos gêneros, a importância do trabalho com textos.

Os gêneros textuais podem ser analisados e explorados de forma a trazer um ensino que possibilite ao aluno uma interação significativa com o texto e com as relações que o envolve.

Baseado nesse pressuposto, nosso objetivo é abordar a perspectiva de um ensino de língua portuguesa utilizando os gêneros textuais aproximando os alunos do seu contexto social. Dessa forma, a inserção dos gêneros no processo de ensino-aprendizagem faz-se necessária, uma vez que colabora para o desenvolvimento da linguagem e funciona como objeto e instrumento de trabalho para professores. Por isso, não há como negar a importância da presença dos gêneros na sala de aula.

Comumente em nossa vivência diária, estamos cercados de gêneros textuais. Quando ouvimos a letra de uma canção, falamos ao telefone, os letreiros de ônibus, o texto publicitário, a notícia de jornal, a embalagem de um produto comercial, enfim, todas estas formas de comunicação possuem e tem uma intenção, a de comunicar, e fazer compreender as diferentes formas de comunicação em cada contexto.

Afirmam CEREJA e THEREZA (2004):

Quando interagimos com outras pessoas por meio da linguagem, seja a linguagem oral, seja a linguagem escrita, produzimos certos tipos de textos que, com poucas variações, se repetem no conteúdo, no tipo de linguagem e na estrutura. Esses tipos de textos constituem os chamados gêneros textuais e foram historicamente criados pelo ser humano a fim de atender a determinadas necessidades de interação verbal. (p.46-47)

Os acontecimentos e os hábitos sociais integram novas maneiras de interação verbal e ao nos comunicarmos escolhemos um gênero de acordo com a situação e com o momento histórico vivido. O pensamento de Bakhtin, é semelhante ao de Cereja, pois para ambos os gêneros textuais:

Estão ligados aos hábitos culturais (...). O homem através das diferentes maneiras de viver e interpretar o mundo influenciado pelos fenômenos históricos vinculados à vida, pelo trabalho coletivo, por formas de ações sociais, pelo dia-a-dia, está cercado de gêneros textuais. (Bakhtin, 1992).

Dessa forma, notamos a grande área de atuação dos gêneros textuais no contexto histórico da atualidade. Alguns dos muitos livros didáticos, já trazem a inserção deste assunto na metodologia de ensino. Visto o surgimento de novos gêneros, há uma necessidade maior dos livros didáticos acompanharem tais mudanças, um aluno deve estar bem informado sobre novas linguagens, que circulam no mundo. Pois não cabe apenas ao aluno decodificar signos linguísticos e decorar regras gramaticais, mas essencialmente compreender e ver o meio social de uma forma crítica, associando a realidade social aos textos estudados nas aulas.

Sendo assim, a práxis educativa da Língua Portuguesa deve estar direcionada não tão somente aos códigos e as regras, mas também à prática diária de leitura de diversificados gêneros textuais, levando em consideração os fatores sociais que a envolvem. A língua Portuguesa é um produto de linguagem e carrega dentro de si uma história de acumulação/redução de significados sociais e culturais.

Os textos organizam-se a partir de “certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a esse ou aquele gênero.

Segundo Marcuschi (2003):

Os gêneros textuais manifestam-se através da oralidade e da escrita, sendo materializados através de situações comunicativas recorrentes. São os textos que circulam em nossa vida cotidiana com padrões sócio comunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilo concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas (p.3 - 4).

Temos de considerar outro fator de extrema importância na atividade de leitura: o contexto. Quando contextualizamos o conhecimento, as informações transmitidas adquirem sentido mais amplo, o que possibilita maior assimilação dos conceitos abordados.

É comum ouvir alunos dizerem que acham desestimuladoras as aulas de Língua Portuguesa, as quais continuam sendo trabalhadas, na maioria das vezes, de forma tradicional muito distante, da atualidade, na qual o educando está inserido. A aula de Língua Portuguesa na realidade escolar vêm se restringindo a aulas de gramática (ensino de regras gramaticais), nas quais os professores não contemplam as abordagens pertinentes aos gêneros textuais existentes nas relações interativas. Possivelmente, se os mestres utilizassem gêneros comuns utilizados pela sociedade e próximos da vivência do educando, como exemplo, uma embalagem de produto comercial, uma propaganda, uma piada, dentre outros gêneros textuais, o ensino se tornaria muito mais dinâmico e contextualizado. Dessa forma, despertaria no aluno uma vontade maior em produzir seu próprio texto. A revista, o jornal, o Orkut, o blog, podem e devem ser trabalhados e aproveitados pelos professores como instrumento

didático em suas aulas de Língua Portuguesa, visando um ensino menos estático e significativamente mais dinâmico, tornando assim maior o interesse dos alunos os quais estão rodeados de gêneros diversos, que se aproveitados pelos educadores, tornariam as aulas mais funcionais e proveitosas.

O educador precisa trabalhar o conteúdo em que o aluno está inserido, para que este tenha um melhor rendimento na vida escolar e conseqüentemente não apresente tantas dificuldades de produção textual. Sabe-se que quando um aluno encontra-se de forma mais relaxada ou em situações contextuais e didáticas mais favoráveis consegue produzir, utilizando, para isso, os mais diversos meios de comunicação. E estes mecanismos são espaços que integram os gêneros textuais. E é por meio de textos realizados em alguns gêneros, que nos comunicamos no dia-a-dia.

No ensino de Língua Portuguesa, as novas demandas surgidas conferiram à leitura e à escrita importância nunca antes alcançada. Este é um diferencial significativo. Agora compreende-se que para o ensino não basta mais somente aprender a ler e a escrever, é preciso ir além, fazer uso da língua como prática social, um “instrumento” que nos permite interagir e nos situar em nossa vida cotidiana.

Pensando, então, na importância do ensino dos gêneros na sala. E que possibilitem aos alunos colocar em prática os aspectos da linguagem já internalizados, e aqueles que eles ainda não têm domínio, possibilitando-lhes aprender e compreender melhor o conteúdo trabalhado pelo professor, é necessário que o professor construa com seus alunos, durante sua vida escolar, caminhos, com o objetivo de levá-los ao desenvolvimento das capacidades necessárias para aprender e fazer uso com maior mestria dos gêneros a serem trabalhados.

Apresentam agrupamentos dos gêneros em um currículo flexível as diversas situações reais e cotidianas do ensino. O que possibilita ao professor, maior previsão dos problemas a serem enfrentados no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. No entanto, cada um dos gêneros possui características diferentes, o que exige adaptação de seu ensino. Dolz e Schneuwly (2004) ressaltam que:

Para que esses agrupamentos sejam realizados e sejam aceitos na didática da escola, eles têm que obedecer a três critérios importantes. O primeiro corresponde aos objetivos sociais da comunicação oral e escrita no que tange ao ensino. O segundo é mostrar as diferenças tipológicas, e por último, que os gêneros agrupados sejam “relativamente homogêneos” no que se refere a capacidade de linguagem dentro de cada agrupamento dos gêneros. (p.120)

Desse modo, os agrupamentos de gêneros propostos pelos autores são uma maneira de oferecer aos professores um instrumento de trabalho fundamentado teoricamente, com o intuito de facilitar a escolha dos gêneros a serem trabalhados na sala de aula, bem como auxiliá-los na progressão de gêneros a serem trabalhados nas séries do ensino.

Em virtude da relevância dos gêneros textuais em seus mais diversos usos e funções sociais, levamos em conta que uma aula de Língua Portuguesa pode abranger uma dinâmica reflexiva e mais aberta a cada contexto social que a envolve, ampliando, assim, a construção de novas formas de conhecê-la, de expressá-la, recriando-a de acordo com exemplos práticos do cotidiano.

Um professor de Português pode trabalhar os gêneros textuais como partes integrantes da aula e explorá-los, de forma a trazer um ensino que possibilite ao aluno uma interação significativa com o texto, com as relações que o envolve, além de contribuir para o enriquecimento das habilidades textuais, pois através destas o aluno terá um maior desempenho na leitura e escrita.

Entretanto, na prática de muitos docentes a utilização destes gêneros no ensino da Língua Portuguesa tem se dado longe da realidade usual dos educandos, o que acarreta um afastamento do aluno em relação à disciplina, fato comprovado na hora de desenvolver um texto próprio apresentam inúmeras dificuldades, principalmente em expressar pelas palavras o contexto em que ele observa.

Uma das prioridades das aulas de língua portuguesa é propiciar a compreensão da Língua Portuguesa, para que o falante saiba expressá-la na linguagem verbal e não verbal, oral e escrita, recontando ou reescrevendo textos de acordo com os vários gêneros existentes no contexto social. É preciso tornar o aluno apto para falar, questionar a realidade que o cerca, o que não acontece na prática das escolas. Consequentemente, não está havendo, nos educandos, o desenvolvimento das habilidades textuais e comunicativas. Torna-se dessa forma, necessária a inserção dos gêneros textuais no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que colabora para o desenvolvimento da linguagem e funciona como objeto e instrumento de trabalho para professores. Por isso, não há como negar a importância da presença dos gêneros na sala de aula.

Os gêneros são criados e reconstruídos pelos indivíduos por meio, principalmente, das interações comunicativas. Diante disso, não podemos ignorar este rico “instrumento” de trabalho no processo de ensino-aprendizado de nossos alunos nas instituições de ensino. Isso seria ignorar o que já faz parte da vida social desse aluno, já que estamos mergulhados no

mundo dos gêneros textuais. Logo, não há como trabalhar com a linguagem sem os gêneros, uma vez que ela ocorre por meio deles.

A fim de expressar-se claramente na escrita é necessário que o aluno acostume-se a planejar o texto (esquematizar o que pretende escrever) e reescrevê-lo até que as ideias estejam perfeitamente claras, compreensíveis. Ele deve perguntar a si mesmo, colocando-se no lugar do leitor, se o texto está claro e se traduz seu pensamento.

Há características peculiares de um texto escrito. Ele deve se apresentar como um todo semântico, com as partes bem amarradas, desprovido das marcas de oralidade tais como repetições, pausas, inserções, expressões vulgares ou continuativas.

A língua escrita parece pertencer a um outro universo, embora consigamos registrá-la facilmente. Há concordâncias, regras; além do que uma outra exigência da escrita é sua apresentação formal: os parágrafos devem começar a uma distância certa da margem e com letra maiúscula; as palavras devem ser separadas umas das outras por espaços em branco; as orações devem ser pontuadas; as palavras necessitam de ortografia oficial.

No entanto, deve ficar bem claro que tais exigências não constituem a qualidade principal de um texto escrito: saber grafar corretamente as palavras ou acentuar seguindo as regras não quer dizer que se escreva bem porque saber escrever é, antes de tudo, saber transpor com clareza e eficiência as ideias para o papel. É assim que se constrói um bom texto.

Dessa forma, é preciso que o aluno tenha em mente:

1) Escrevemos para dar um testemunho de nossa existência e... eficiência, não apenas para tirar uma nota;

2) É preciso que leiamos o que escrevemos com o olho do outro, ou seja, autocrítica é fundamental;

3) Precisamos nos familiarizar com a escrita, e devagar colocarmos nossos pensamentos na forma desejada.

4) Não basta saber bem regras de ortografia, pontuação, acentuação, concordância verbal e nominal, se não tiver aquilo que pode chamar de "estofo", ou seja, sua redação só será boa caso se disponha a cuidar, antes de realizá-la, de seu intelecto. Não se escreve sobre aquilo que não se sabe.

5) Portanto, disponha-se a ler jornais, revistas, livros, a observar o mundo e a verificar que verdades costumam ter dois lados. Reconheça de que lado está. Afinal, você já ouviu dizer que "Quem quer conhecer o gato deve levar em consideração também o ponto de vista do rato."

6) É preciso que se discuta sobre o que leu, debata suas ideias, construa seu universo intelectual. Cresça, enfim, de dentro para fora. Invista em você, em sua criatividade, em sua capacidade de estar atento.

Escrever é decorrência do ato de pensar. Então, leia de tudo um pouco: filosofia, religião, política, bula de remédio, receita de bolo, matérias de revistas, história em quadrinhos, editoriais de jornais, notícias de assassinatos, out-doors, poemas, romances, resumo da sessão da tarde.

Dessa forma, estará construindo seu lado de dentro, um universo muito mais rico, e buscando construir um discurso próprio, particular, marca de sua própria individualidade. Afinal, só escrevemos bem quando sabemos bem sobre o que vamos escrever.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática pedagógica não foi colocada em questão em momento algum, nem mesmo nos reforços ou nas recuperações paralelas. Como as mães e professoras da escola acreditaram que os alunos tiveram muitas oportunidades para aprimorarem-se, essas professoras foram consideradas como bem-sucedidas pela comunidade escolar em decorrência da grande maioria dos alunos ter obtido bons resultados. Então, nos casos analisados, o problema do baixo desempenho dos alunos foi assumido pelas entrevistadas como consequência de um processo da criança, externos à escola, ou de uma situação vivenciada com periodicidade suficiente para influenciar negativamente o rendimento da criança, o que propiciou as circunstâncias relacionadas ao baixo desempenho. Esses aspectos fortaleceram a credibilidade criada a respeito da relação intrínseca entre a família e/ou as características supostamente naturais às situações de fracasso vivenciadas, ao mito do dom inexistente que possibilitasse o bom desempenho escolar.

No que tange às questões relacionadas às configurações analisadas, merecem destaque alguns aspectos abordados nas entrevistas, pois, cada indivíduo lida com situações que fazem com que aja de forma singular. Muitas vezes, não conseguem construir os dispositivos familiares que tornariam possível ensinar conhecimentos ou disposições úteis na escola e a compreensão a respeito da dinâmica interna familiar e das relações de interdependência afetiva e social é importante para o entendimento do quanto e como os capitais e hábitos familiares são transmitidos.

Para que as crianças obtivessem um rendimento na escrita minimamente satisfatório não garantiram o sucesso escolar. Apesar de todas as famílias que colaboraram durante a coleta de dados desta pesquisa terem investido na formação de seus filhos, apostado na escolarização como fator essencial ao futuro bem-sucedido, os alunos apresentaram problemas relacionados ao baixo desempenho escolar.

Para entrar no mundo da escrita, é importante que as crianças interajam com uma grande diversidade de textos, para serem capazes de produzir e reproduzir textos.

A seleção de diferentes tipos de escritos responde ao objetivo de favorecer a permeabilidade entre o ambiente social e a escola. A iniciativa de deixar entrar os escritos não (tradicionalmente) escolares facilita não apenas a contextualização da aprendizagem, mas favorece um movimento inverso: a participação fora da escola, no mundo da escrita. Os

bilhetes para a família, as cartas para o jornal da escola, os cartazes no bairro, a visita á biblioteca, salão cultural, são possíveis exemplos de tal participação.

É através da experiência, partindo dos conhecimentos prévios que os alunos possuem, que o professor conseguirá levar os alunos a descobrir e compreender o uso da linguagem ampliando assim seu conhecimento.

Como diz nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs), é necessário que os alunos aprendam a ler e escrever na prática, para isso é necessário que essa prática de leitura e escrita seja oferecida nas escolas. O desenvolvimento de estratégias de leitura e escrita deve ser promovida na escola, com o objetivo de construir sentido.

Com os gêneros textuais podemos perceber a preocupação coma utilização de textos que fazem parte do cotidiano do aluno, levando-o à reflexão e proporcionando sentido à aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAO, Maria Helena M.B. (org). **Professores e alunos: aprendizagens significativas em comunidades de prática educativa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- ARAÚJO, M.C. **Perspectiva histórica da alfabetização**. Viçosa: UFV, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução por M. Lahud e Y. F. Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CEREJA, William Roberto. THEREZA, Cochar Magalhães. **Português Linguagens**.4.ed. São Paulo: Atual, 2004.
- CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 97, p. 47-63, maio.1996.
- CHIAPPINI, L.; GERALDI, J. W.; CITELLI, B. **Aprender e ensinar com textos dos alunos**. São Paulo: Cortez, 2002.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernand. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- FERREIRO, Emília. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- FREIRE, P.**Educação e mudança**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- _____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, 1989.
- FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas,1998.
- GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paul: Ática, 2006.
- _____. João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____, João Wanderley. **Concepções de linguagem e ensino de português**. In: o texto na sala de aula, 1984.
- IRELAND, Vera Esther (Coord.). **Repensando a escola: um estudo sobre os desafios de aprender, ler e escrever**. Brasília: UNESCO, MEC/INEP. 2007.
- KAUFMAN, Ana Maria. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995
- KATO, Mary Aizawa. **Aprendizado da leitura**. 6 ed.- São Paulo: Martins fontes, 2007.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. 9ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____, A. B. **Significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

MARCUSCHI, Luiz a. **Da fala para a escrita**. Atividades de Retextualização. 10 ed.- São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **A questão dos suportes dos gêneros textuais** (UFPE/CNPq-2003)

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Atica, 1996.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso – Princípios e Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes (2000).

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Ensino Médio – **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2000

PERFEITO, A. **Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa**. Maringá: UDUEM, 2005.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL- **vol. 3/ conhecimento do mundo**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SGNORINI, Inês. **(Re)discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola, 2008.

SHNEUWLY, B.: DOLZ, J. e colaboradores. **Gêneros Orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros/ - 4 ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2010.**

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TEBEROKY, Ana. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VAL, Maria da Graça Costa. **Reflexões sobre práticas escolares de produção e texto - sujeito-autor**. Belo Horizonte: Autêntica / CEALE/FaE/ UFMG, 2008.

VARGAS, Suzana. **Leitura: uma aprendizagem de prazer** 4ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins fontes, 1987

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprender a escrever**: a apropriação do sistema ortográfico. Porto Alegre: Artes Médicas,1998.

ANEXOS

RECEITA PARA ENSINAR / APRENDER A LER E A ESCREVER?

Existem receitas para ensinar? E para aprender? Não, receitas não existem! Mas, é possível pensar em alguns pressupostos teóricos básicos para os processos de ensino e de aprendizagem da leitura e da escrita. E é para este objetivo que se direciona e refletir criticamente sobre o que precisa embasar teoricamente a prática pedagógica de professores e professoras alfabetizadores.

INGREDIENTES:

1. AMBIENTE ALFABETIZADOR
2. CLIMA PROPÍCIO PARA A APRENDIZAGEM
3. OLHAR DE CRENÇA/CONVICÇÃO DO PROFESSOR
4. DEFINIÇÃO E ACOMPANHAMENTO DO PERFIL DA TURMA
5. PARTIR DO QUE O ALUNO JÁ SABE PARA IR ALÉM
6. CONSTITUIÇÃO DO GRUPO
7. PRIVILEGIO DA LÓGICA DA APRENDIZAGEM E NÃO A DO CONTEÚDO
8. FUNÇÃO MATERNA E FUNÇÃO PATERNA = ACOLHIMENTO X RUPTURA
9. AVALIAR PARA AGIR
10. ALFABETIZAR = PROCESSO DE INSERÇÃO NA CULTURA ESCRITA

ESCLARECIMENTOS NECESSÁRIOS PARA A ELABORAÇÃO DA RECEITA

Segundo Freire, afirmar que o professor alfabetizador que considerar imprescindíveis na prática pedagógica os 'ingredientes' acima, que estiver subsidiado por fundamentação teórica consistente e que atue de maneira coerente com ela, tem possibilidades, incrivelmente favoráveis, de desempenhar o papel que cabe a todos os professores e professoras: alfabetizar **todos** seus alunos! Se a prática pedagógica for embasada pelo pressuposto, cientificamente comprovado, de que *a inteligência não é um dom, mas sim um processo em que se fica inteligente aprendendo, e que todos podem aprender*, o

papel que precisa ser compreendido e desempenhado pelo professores é o de alfabetizar todos os alunos, sem aceitar evasão e nem possibilidade de repetência.

MODO DE FAZER

Localize-se uma sala de aula. Não precisa ser grande nem bem equipada, apenas com classes e cadeiras móveis que possam ser dispostas em círculos, duplas e grupos de no máximo quatro elementos, dependendo da atividade proposta. Mas, precisa sim, ser limpa e organizada;

- Exponha-se um referencial do alfabeto, que deverá ser trocado pelo menos quatro vezes ao longo do ano letivo, e vá se acrescentando, quando possível, outros portadores de texto significativos;

- Estabeleça-se com os alunos um *contrato pedagógico* que explicita o que vieram fazer ali (rotina organizada e combinada – não *rotina rotineira*), onde:

- É proibido proibir sem dialogar;

- O erro é bem vindo, pois é expressão das hipóteses em construção dos alunos, as quais precisam ser conhecidas do professor para o planejamento das intervenções;

- Encaminhando-se um clima de sala de aula propício à aprendizagem, em que o grupo possa se constituir como tal: pessoas, reunidas num mesmo espaço e local, com um objetivo comum: aprender a ler e a escrever;

- Superando-se assim o que parece ser uma antinomia: autoritarismo *versus* espontaneísmo, ambas as atitudes antidemocráticas, caracterizando-se pela ausência de compromisso com as autorias;

- Acrescentando-se a estes ingredientes, o olhar de crença/convicção do professor na possibilidade da aprendizagem de todos e:

- A investigação inicial das hipóteses dos alunos a fim de diagnosticar o perfil do grupo e planejar as intervenções pedagógicas para o avanço.

- Intervenções que precisam ir ao encontro de aprendizagens já construídas, de conhecimentos prévios; que privilegiem a lógica da aprendizagem e não a do conteúdo ou do programa a “ser vencido”;

- As provocações (conflitos cognitivos) deverão ser planejadas para os momentos adequados, que dependerão da sensibilidade do mestre de perceber quando é necessário

acolher as hipóteses do aprendiz, fortalecendo sua auto-imagem e auto-estima, contribuindo para que ele se perceba como sujeito e não qualquer sujeito, mas como um sujeito capaz, para depois desafiá-lo a ir além;

- Considerando também que leitura e escrita são processos cuja gênese implica numa organização ascendente de estruturas incompletas, inseridas na cultura escrita, encaminhando a compreensão dos alunos para a sua função social, buscando torná-los leitores e escritores que estejam habilitados a ler produzir e compreender diferentes tipos de portadores de textos que desejarem e/ou necessitarem e que esta aprendizagem contribua para sua qualidade de vida.

Embora procurando respeitar a estrutura textual não pretendo criar uma receita de alfabetização, receitas não existem! Existem? Mas quero destacar pontos que considero fundamentais no encaminhamento de uma prática alfabetizadora consciente e desejosa de ensinar a ler e a escrever nos significados amplos e complexos destes conceitos. Mas, um alerta: esta 'receita' não resultará produtiva para o professor cujo desejo não estiver presente na prática pedagógica, aquele que não se perceber com prazer em ensinar.

APÊNDICE

Foto -01



Escola municipal Raul de Freitas Molzinho

Cidade de Guarabira-PB